

INTERSECÇÕES ENTRE O HABITAR HEIDEGGERIANO E O FAZER ARQUITETÔNICO

INTERSECTIONS BETWEEN HEIDEGGER'S DWELLING AND ARCHITECTURAL WORK



Gislaine Carolina da Silva

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

gislainecarolina@outlook.com



Maristela Moraes de Almeida

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

arqtela.ma@gmail.com

1

Resumo

Este artigo traz um olhar sobre o conceito de habitar proposto pelo filósofo Martin Heidegger exposto no ensaio 'Construir Habitar Pensar' e as intersecções deste conceito e o fazer arquitetônico. O estudo configura-se pela via do interesse intelectual, pois visa aprofundar-se no entendimento do conceito de habitar e sua relação com a arquitetura. A arquitetura dialoga com o conceito de habitar em diversos momentos, seja na relação que estabelece com o lugar e os elementos do sítio, seja nas decisões e intenções projetuais, tais aspectos tangem desde a criação arquitetônica até a conformação final e uso da arquitetura. O conceito de habitar proposto pelo filósofo mostra que a arquitetura concretiza-se em si mesma como próprio habitar uma vez que, ela resulta de um conjunto de escolhas intencionais e que configura um modo de ser no mundo. Almeja-se que as questões aqui apresentadas seja um convite para repensarmos o modo como habitamos o/no mundo tanto enquanto pessoas quanto como profissionais arquitetas.

Palavras-chave: Arquitetura. Habitar. Sustentabilidade

Abstract

This article brings a look at the concept of dwelling proposed by the philosopher Martin Heidegger exposed in the essay 'Building Dwelling Thinking' and the intersections of this concept and the projected doing. The study takes the form of intellectual interest, as it aims to deepen the understanding of the concept of dwelling and its relationship with architecture. Architecture dialogues with the concept of dwelling at different times, whether in the

relationship it establishes with the place and the elements of the site, or in design decisions and intentions, such aspects range from architectural creation to the final conformation and use of architecture. The concept of dwelling proposed by the philosopher shows that architecture materializes itself as dwelling itself since it results from a set of intentional choices and configures a way of being in the world. It is hoped that the questions presented here will be an invitation to rethink the way we inhabit the world both as people and as professional architects.

Keywords: Architecture. Dwell. Sustainability.

Introdução

Como você habita o mundo?

Talvez, nunca paramos para refletir sobre isso, contudo estamos a todo momento a habitar. Trazer consciência para o modo como somos e estamos sobre a Terra diz respeito ao nosso habitar. Sim, habitar está em todos os âmbitos de nossa existência, dada a sua amplitude, mais do que refletir, decidimos viver. O nosso modo de viver pode ser visto como uma extensão de nossas crenças, de valores e de intenções que, transformadas em escolhas e/ou atitudes, concretizam-se no habitar. Logo, habitamos: a Terra enquanto espécie humana, nossos países enquanto nação, nossa cidade enquanto cidadãs, nossos bairros enquanto moradoras, nossas casas enquanto habitantes, nosso corpo enquanto alma. Ou seja, habitar é da essência do nosso ser. Entretanto, uma vez que não refletimos a respeito do nosso modo de viver, habitamos a qualquer modo, de forma inconsciente, o que pode gerar modos de existir incoerentes com a essência de nosso ser e dissonantes das reais capacidades do habitat em que vivemos. Mas, então, haveria uma forma 'correta' de habitar? Estaríamos a habitar erroneamente?

3

A realidade nos apresenta dois acontecimentos que dizem muito sobre o habitar humano no Planeta Terra enquanto coletividade, são eles: o Antropoceno e a Pegada Ecológica. O primeiro diz respeito à alteração geológica na Terra causada pela espécie humana, o que revela um modo de existir degradante e insustentável a longo prazo. O segundo, Pegada Ecológica, é resultado de um cálculo que estima quanto de água e de área de terra uma pessoa, uma população ou uma atividade precisa para suprir suas necessidades no que diz respeito aos recursos que consome e resíduos que gera de acordo com o estilo de vida (Global Footprint Network, 2022). Os dois fatos são decorrentes da relação estabelecida entre o ser humano e o seu habitat natural, e sustentam a iminência de se repensar a maneira como se habita a Terra, principalmente no que diz respeito ao impacto humano gerado no Planeta.

Mais do que trazer respostas as inquietações apresentadas, este estudo é um convite à reflexão acerca do habitar evidenciado aqui por meio da revisão da raiz teórica-conceitual acerca da ideia de habitar desenvolvida pelo filósofo Martin Heidegger. O conceito emerge em uma conferência que visava a reconstrução das cidades na ocasião do pós-guerra que, posteriormente, dá origem ao ensaio

'Construir, Habitar, Pensar' tradução livre do título original '*Bauen, Wohnen, Denken*' em 1954. Desse modo, a pesquisa configura-se pela via do interesse intelectual, pois visa aprofundar no entendimento do conceito de habitar e sua relação com um modo de viver mais coerente com a capacidade do planeta que nos abriga.

Desenvolvimento

O habitar heideggeriano

A ideia de habitar em que este trabalho se apoia é aquela exposta pelo filósofo Martin Heidegger na conferência *Mensch und Raum em Darmstädter*, em 1951, por meio do pronunciamento do ensaio intitulado originalmente como *Bauen Wohnen Denken* e traduzido, neste trabalho, como "Construir Habitar Pensar". Esse ensaio, assim como, "A coisa" e "... Poeticamente, o homem habita...", complementares e contemporâneos a ele, foram escritos após a Segunda Guerra Mundial, momento em que a Alemanha passava por uma reconstrução social e política (Sharr, 2007). Ainda segundo o mesmo autor, entre 1939 e 1945, um quinto das casas alemãs tinham sido destruídas e as produções de Heidegger, mencionadas anteriormente, foram uma resposta direta aos desafios que a Alemanha vivia. Mediante raízes filosóficas, Heidegger traz sua perspectiva a respeito da crise habitacional e sua estreita relação com habitar e construir.

Martin Heidegger foi um filósofo que nasceu em 1889, no sudoeste da Alemanha, em Messkirch, Suábia, e faleceu em 1976 sendo enterrado na sua cidade natal. Ao longo de sua vida, Heidegger escreveu várias obras tendo atuado também como professor. O pensamento de Heidegger teve grande influência de Edmund Husserl, fundador do movimento fenomenológico, no entanto, a fenomenologia seguida por Heidegger acabou por se distanciar daquela proposta por Husserl (Loparic, 2004). Apesar de Heidegger não ter qualquer formação em arquitetura, sua teoria influenciou muitos arquitetos a repensar questões importantes que tangem a disciplina arquitetônica. Nesse sentido, a corrente fenomenológica defendida por Heidegger influenciou, e continua a influenciar, muitas arquitetas simpatizantes por uma fenomenologia da arquitetura e, para além disso, suas reflexões acerca do habitar e do construir mostram-se contemporâneas e pertinentes para discussões atuais.

Começamos pelo título Construir Habitar Pensar. A expressão não traz uma compreensão imediata, uma vez que desconsidera os critérios de composição de frases. O título se constitui de três verbos independentes, com grau de importância equivalentes, mas integrados de alguma forma, já que não há qualquer pontuação que os desassocie. Com isso, deduz-se, inicialmente, que o ensaio tratará dessas três dimensões integradas entre si, o que é confirmado por Richard Sennett (2018, p. 149): “A ausência de vírgulas indica que os três conceitos constituem uma única experiência [...]”. Logo, há uma correlação no acontecimento dessas três ações.

Para Heidegger (1954), a essência das coisas nos chega por meio da linguagem, nesse sentido, a linguagem não é apenas um meio de expressão, mas sim o meio pelo qual se comunicam ideias. Desse modo, ele busca pensar os significados de habitar e de construir por meio da linguagem conduzindo o seu pensamento sempre ao âmbito originário da palavra. Poderia se pensar, superficialmente, que construir se refere simplesmente à ação de edificar alguma coisa e que habitar consiste no ato de morar, porém Heidegger nos prova que tais palavras, em sua essência, não se reduzem a interpretação rasa e superficial que fazemos comumente. Heidegger salienta que o construir do qual ele trata não se refere às técnicas de construção, mas sim de um retorno do construir a sua essência, “aquilo que é”.

Construir e habitar estão intrinsecamente relacionados, a meta do construir é o habitar, todavia, é no próprio habitar que o construir se consolida. A ideia de habitar é o ponto de partida para Heidegger desenvolver seu pensamento. Quaisquer locais que ofereçam ao homem um abrigo para se desempenhar alguma atividade, se assim ele o fizer, ele o estará a habitar: “Na autoestrada, o motorista de caminhão está em casa, embora ali não seja a sua residência; na tecelagem, a tecelã está em casa, mesmo não sendo ali a sua habitação. Na usina elétrica, o engenheiro está em casa, mesmo não sendo ali a sua habitação.” (Heidegger, 1954, p. 125). O habitar não se limita a algo propriamente construído, não está restrito à habitação e nem à preexistência de edifícios.

O habitar transcende uma estrutura física específica e a própria ideia de ‘morar’, que via de regra, se limita a uma casa ou a um apartamento, o habitar se estende a todos os lugares que se pode estar no mundo. Contudo, a expressão ‘estar em casa’ é utilizada com frequência quando queremos demonstrar que um determinado lugar nos traz aquela sensação de proteção, de abrigo ou simplesmente de bem-estar ao desempenhar uma atividade em algum lugar. Talvez, por se reportar sempre a

sensação de 'estar em casa' ao próprio lar, em detrimento a outros lugares, essa ideia do habitar ancorado na habitação tenha se consolidado.

Apesar da finalidade do construir ser o habitar, Heidegger (1954) afirma que essa não é uma mera relação de meios e de fins, trata-se de uma relação complexa que é explicada por meio da linguagem, em que os significados das palavras conduzem suas ideias a respeito do habitar e do construir. Neste estudo, o pensamento de Heidegger também é apresentado por meio da linguagem, apesar de o habitar se concretizar na realidade.

Por se tratar de uma explicação que se dá por meio da linguagem, parece pertinente resgatar uma observação realizada por Heidegger (1954, p. 128): “[...] nas palavras essenciais da linguagem, o que nelas se diz propriamente cai, com muita facilidade, no esquecimento, em favor do que se diz num primeiro plano.”. Nesse sentido, fica um convite à leitora de ler as explicações que se apresentam deixando de lado as concepções existentes, na medida em que isso seja possível, e se abrir para se aprofundar na essência da palavra e no que ela diz.

6

Heidegger começa o ensaio buscando responder a pergunta “O que é o habitar?” e recorre a palavra “*buan*”, usada para dizer construir, para comprovar que o significado da palavra construir era originalmente habitar. A palavra “*buan*” não diz apenas habitar, ela diz: permanecer, morar, e “[...] acena como devemos pensar o habitar que aí se nomeia.” (Heidegger, 1954, p. 126). Essa fala de Heidegger sugere que existe um certo ‘modo’, um ‘como’ de se permanecer, morar e, conseqüentemente, pensar o habitar. Contudo, isso não parece ser o suficiente para Heidegger definir o habitar.

“*Buan*” (construir) vem do verbo “*bauen*” que, por sua vez, também significa construir. No entanto, no verbo “*bauen*”, construir perdeu o significado de habitar, contudo o verbo originalmente diz: “que amplitude alcança o vigor essencial do habitar.” (Heidegger, 1954, p. 127). Orientado por essa afirmação, Heidegger revela que a palavra “*bauen*” corresponde a “*bin*”, que equivale ao verbo ‘ser’ nas conjugações: ‘eu sou’, ‘tu és’ logo, se o verbo ‘ser’ equivale a ‘habitar’: ‘eu habito’, ‘tu habitas’. A presença do ‘eu’, ‘tu’ implica, obrigatoriamente, a existência humana para a ocorrência do habitar; o que, por sua vez, é comprovado pelo que a palavra “*bauen*” diz: “[...] o homem é a medida que habita”. (Heidegger, 1954, p. 127). Dito isso, se faz saber os dois significados de “*bauen*” (construir): proteger e cultivar e;

edificar. Apesar de “*bauen*” não ter mais o significado original de habitar, esses dois significados de construir estão contidos dentro do habitar.

Em seguida, Heidegger (1954, p. 129) se empenha em pensar no que consiste a essência do habitar, mais uma vez ele se ancora na linguagem para tal. Assim como a palavra “*bauen*” diz: “permanecer, ‘de-morar-se’”, o gótico “*wunian*” diz isso e qualifica essa experiência: “ser e permanecer em paz. A palavra ‘paz’ significa ‘o livre’”, que diz em sua origem: resguardado e, resguardar, significa devolver: “[...] de maneira própria, alguma coisa ao abrigo de sua essência” (Heidegger, 1954, p. 129). A palavra resguardar encontra significado próprio na expressão ‘libertar-se’, ou seja, “libertar para a paz de um abrigo.” (Heidegger, 1954, p. 129). Tudo isso culmina no resguardo que Heidegger considera o traço fundamental do habitar que, então, diz: “permanecer pacificado na liberdade de um pertencimento, resguardar cada coisa em sua essência” (Heidegger, 1954, p. 129). Cada coisa? Mas, que coisas seriam essas?

No decorrer de sua explanação, alguns pontos importantes foram mencionados e que agora são tratados. Quando Heidegger (1954, p. 127, grifo nosso) diz “[...] ser como um mortal sobre essa terra [...]”, ele infere ‘sob o céu’ que, por sua vez, é “permanecer diante dos deuses” (1954, p. 129, grifo nosso), na conjuntura dos homens, ou seja, dos mortais. Os quatro elementos: a terra, o céu, os deuses/divinos e os mortais estariam interligados entre si de forma originária. “Resguardar cada coisa em sua essência” (Heidegger, 1954, p. 129) seria, então, ter os quatro elementos atuando conforme sua essência natural, característica que qualifica o habitar como habitar.

Logo, no âmbito do habitar, os quatro atributos são compreendidos tendo a figura do homem como ator que os interliga. Habitar sobre a terra “não é assenhorar-se da terra e nem tampouco submeter-se à terra” (HEIDEGGER, 1954, p. 130), mas sim deixar a terra continuar a existir como terra. Habitar sob o céu é estar sincronizada ao ciclo natural das estações e das estrelas em seu fluxo orgânico sem qualquer interferência e, mais uma vez, deixar o céu existir como céu. Habitar é aguardar os deuses, “Os deuses são os mensageiros que acenam a divindade.” (Heidegger, 1954, p. 129). Logo, é observar o divino que se manifesta na terra, no céu e nos mortais. Os mortais habitam reconhecendo que estão conduzidos à morte, portanto estão de passagem, por isso devem honrar esse percurso respeitando terra, céu e divino, ou seja, deixando-os existir no seu vigor de essência.

Mas como o habitar acontece na prática diante esses quatro elementos? Habitar, apesar de ser mais que um “[...] demorar-se junto as coisas.” (Heidegger,1954, p. 131), acontece quando essas ‘coisas’ preservam a terra, o céu, o divino e os mortais em seu conjunto. ‘As coisas’, em que os mortais se demoram, são lugares que, muitas vezes, tem uma arquitetura que os conformam. A arquitetura enquanto ‘coisa’ deve, por sua vez, admitir que os quatro elementos aconteçam em sua essência. Dessa forma, Heidegger se encaminha para a segunda parte de seu texto que consiste em responder a pergunta: “Em que medida construir pertence ao habitar?”

Para Heidegger, construções são uma reunião integradora, dos quatro elementos, na qual surge um lugar que comporta espaços dentro de um limite no qual, alguma coisa, dá início a sua essência. Dessa forma, só se pode, de fato, edificar uma construção quando se tiver pensado a essência de cada coisa que a construção exige para sua realização, isto é, os lugares que propiciam aos quatro, terra, céu, divinos e mortais, estância e circunstância.

8

De acordo com o exposto presume-se que a arquitetura, enquanto coisa construída, deve preservar a quadratura, pois isso é o traço fundamental do habitar. Por sua vez, é o construir que conduz os quatro elementos, a coisa construída, logo esse construir deve deixar-aparecer a essência da quadratura, pois “[...] ao habitar pertence um construir e que dele recebe a sua essência.” (Heidegger,1954, p. 140). Dessa forma, construir e pensar são indispensáveis para o habitar, contanto que sejam tratados conjuntamente mesmo permanecendo em seus limites.

Heidegger finaliza o ensaio pontuando que a maior crise “[...] consiste em que os mortais devem primeiro aprender a habitar.” (Heidegger,1954, p. 140), e que esta antecedia a própria crise habitacional que a Alemanha vivia no pós-guerra e quaisquer outras crises habitacionais. A emergência de que nós, mortais, devemos conduzir o construir a partir do habitar e que devemos pensar na direção do habitar é apontada por Heidegger como iminente e necessária.

Todavia, a existência de nós, mortais, na Terra, tem se mostrado a principal fonte de desequilíbrio e impacto no meio. Essa dicotomia parece residir no distanciamento de nós, seres humanos, com o verdadeiro sentido de habitar. É nesse sentido que refletimos como as atividades humanas estão desconexas do curso natural do meio ao qual integra que, toda a Terra já está, em algum nível, sofrendo consequências

das ações humanas dissonantes com o meio ambiente, uma prova disso é que o planeta está vivenciando o Antropoceno.

O termo Antropoceno, proposto pelo químico Paul J. Crutzen e pelo biólogo Eugene F. Stoermer (2000), refere-se à era geológica na qual a humanidade desempenha atividades que geram crescentes impactos na Terra e na Atmosfera. Os autores designam o final do século XVIII como a data de início do Antropoceno, pois se trata de um período em que os efeitos das atividades humanas mostraram-se notáveis, marcado especialmente pelo início do crescimento de gases na atmosfera, pela invenção do motor a vapor e pela mudança dos meios bióticos na maioria dos lagos (Crutzen; Stoermer, 2000). Nesse sentido, somos levados a questionar a existência de fenômenos puramente naturais, pois o impacto causado pela humanidade no mundo já tem efeitos em todo o meio. Assim, desconsiderando o aspecto temporal, um fenômeno “natural” que acontece hoje não está sob as mesmas condições que um fenômeno idêntico em outro período anterior ao Antropoceno, ou seja, as consequências das ações humanas já influenciam em certo grau os ciclos da natureza. Dessa forma, a necessidade de se repensar o habitar que, por sua vez, engloba todas as ações e modos de ser e estar sobre a Terra é iminente, uma vez que o modo como a sociedade está vivendo no Planeta mostra-se insustentável, dada a capacidade de regeneração biológica do Planeta Terra.

Um sistema criado para medir o impacto humano na Terra é chamado de Pegada Ecológica. Originalmente nomeado por *Ecological Footprint*, o sistema foi criado no início de 1990, por Mathis Wackernagel e William Rees, como parte da pesquisa de doutorado de Wackernagel, na Universidade de British Columbia (Global Footprint Network, 2022). O cálculo da Pegada Ecológica considera diversos aspectos da vida humana atual e, com base nessas informações, calcula-se quantos planetas seriam necessários se todos os seres humanos tivessem o mesmo estilo de vida da pessoa respondente. Em 2003, a *Global Footprint Network* foi criada, a organização possui um banco de dados de Pegada e biocapacidade de diversos países, em 2007, lançou uma Calculadora da Pegada Ecológica on-line, em que cada pessoa pode calcular a sua Pegada Ecológica.

O nosso estilo de vida está diretamente relacionado ao modo como habitamos o Planeta. E, para reduzirmos nossa pegada ecológica, devemos repensar e mudar aspectos da vida cotidiana que minimizem o impacto gerado no nosso *habitat*. Para isso, é necessário tomarmos consciência de que a forma como estamos

habitando o mundo é insustentável, uma vez que consumimos e degradamos o Planeta em uma velocidade maior que a sua capacidade de regeneração. Para solucionar esse problema, devemos repensar sobre o modo como o habitamos e buscarmos meios e alternativas que minimizem o nosso impacto sobre a Terra.

Inter-relação entre arquitetura e o habitar

Dado o fato de que o fazer arquitetônico e urbanístico também reflete a escolha de um modo de habitar a Terra, a profissional arquiteta e urbanista deve perceber, no que concerne a sua competência, a importância do seu papel no habitar. Somos nós, profissionais arquitetas e urbanistas, que temos a responsabilidade de incentivar e de oferecer formas menos impactantes de se fazer arquitetura e urbanismo, e assim habitar, ao modo que nos é possível de forma a honrar o meio que nos abriga. Dessa forma, estar atentas para escolhas mais conscientes e sustentáveis que tendem a gerar menos impacto, assim como optar, sempre que possível, por reformas em vez de começar uma obra do zero e/ou reaproveitar materiais, refletem escolhas de um habitar mais consciente. A arquitetura, enquanto habitar, confere a nós, arquitetas e urbanistas, uma parcela de responsabilidade com o todo.

Heidegger, ao dar importância significativa para a linguagem fazendo com que a própria nos conduza à essência das palavras habitar e construir, faz com que nós, arquitetas, atentemos à influência desta na disciplina arquitetônica. No que diz respeito à influência da linguagem na arquitetura, Frampton (2013) aponta que adquirimos o hábito de usar sinônimos demais na nossa linguagem especializada e isso nos afasta do entendimento de distinções necessárias à disciplina da arquitetura e urbanismo, ele cita como exemplo o fato de os termos arquitetura e construção ainda não terem sido distinguidos devidamente. O não entendimento de significados e diferenças entre os termos interfere diretamente na prática arquitetônica, uma vez que é impossível criar algo sem saber do que se trata.

Em concordância com Frampton, Pallasmaa (2013) também reconhece a linguagem debilitada da arquitetura e aponta que tentativas têm sido realizadas para enriquecer o idioma. Todavia, seus apontamentos não se limitam à linguística, ele avança em direção à arquitetura relatando que “O empobrecimento do significado intrínseco da arquitetura também tem sido objeto de numerosos estudos

teóricos recentes.” (Pallasmaa, 2013, p. 483). Em relação a sua fala, infere-se que os problemas que dizem respeito à linguagem na arquitetura não se restringem apenas ao idioma e ao vocabulário em si, mas se estendem para linguagem arquitetônica e, conseqüentemente, à arquitetura, uma vez que ela também diz algo.

A influência dos escritos de Heidegger extrapola a concepção de suas ideias acerca do habitar e do construir e chama a atenção para a linguagem enquanto meio utilizado para expor seus pensamentos. O olhar para a linguagem na disciplina arquitetônica revela um grande hiato na arquitetura, tanto para o cuidado com os termos da língua especializada quanto para a própria linguagem arquitetônica.

Em relação ao habitar, Frampton (2013) faz alguns apontamentos que evidenciam questões centrais que dificultam a contribuição da arquitetura no âmbito do habitar. Apesar de não os ter correlacionados diretamente na sua explanação, partimos do pressuposto que a própria arquitetura é, em si, um habitar, logo, tudo o que é próprio da disciplina arquitetônica toca a esfera do habitar.

11

Para começar, retomemos o fato já mencionado da não distinção entre arquitetura e construção. Seria essa distinção da mesma ordem do habitar e do construir? O construir estaria para a construção assim como o habitar estaria para a arquitetura? Me parece que sim, pois a construção está no campo da prática – do edificar – e distante de uma série de qualidades e de intenções que a arquitetura é dotada. Todavia, é na construção que a arquitetura se materializa, esta se concretiza naquela, no entanto, é preciso estarmos atentas, se nós, arquitetas, fizemos construções e não arquitetura estaremos a habitar de maneira ‘equivocada’, posto que não estaremos concebendo em essência a arquitetura.

A ideia de Frampton (2013) sobre um ‘platô homeostático’ aponta para o equilíbrio necessário entre lugar, produção e natureza como aspectos que deveriam integrar a prática arquitetônica para que ela se constituísse como um bom habitar, uma vez que a relação harmônica das três significaria o respeito e a não interferência nos fluxos de origem.

Sobre a prática arquitetônica, Ando (2013, p. 494) afirma que “A criação arquitetônica funda-se na ação crítica”, assim sendo, a arquitetura se constitui na e da leitura da

realidade. Ele ainda aponta quatro pontos principais que devem ser considerados na criação arquitetônica: lógica transparente, abstração, natureza e lugar.

A arquitetura enquanto abstração do real é resultado de reflexões acerca da realidade que se materializam em uma configuração tridimensional em escala humana. Como abstração do real, as decisões devem ser claras e coerentes revelando a conexão do todo arquitetônico, a denominada lógica transparente. Para Ando (2013), a arquitetura contemporânea deve proporcionar às pessoas a presença da natureza, uma vez que ela perdeu sua abundância e nossa percepção sobre ela enfraqueceu. O encontro entre natureza e ser humano configura um estado de tensão que “[...] poderá despertar as sensibilidades espirituais latentes no homem contemporâneo.” (Ando, 2013, p. 497).

O último ponto nomeado como ‘lugar’ se refere à incumbência da arquitetura de “[...] descobrir e revelar as características formais de um sítio [...]” (Ando, 2013, p. 497), somado às tradições culturais, ao clima, aos costumes culturais, entre outros aspectos. Logo, em uma relação recíproca, a arquitetura nasce do sítio e de suas circunstâncias, ao mesmo tempo que o transforma. Nesse texto, Ando expõe que é papel da arquitetura enaltecer o sítio. Todos os pontos mencionados por Ando (2013) para a criação arquitetônica estão orientados por uma perspectiva fenomenológica ancorada em questões fundamentais, para que a arquitetura se materialize considerando aspectos essenciais de sua disciplina.

No que concerne ainda à questão do lugar, observa-se o uso indiscriminado da palavra espaço em vez de lugar, o que é uma questão central para Frampton (2013), no que ele diz: “Isso também não seria mais que especulação vazia se não pudéssemos oferecer como prova nossa total incapacidade para criar lugares; uma incapacidade que prevalece em nossas escolas de arquitetura e nos monumentos da elite [...]” (Frampton, 2013, p. 477). A questão do lugar, para além das problemáticas que se referem à linguagem, instigou vários teóricos além de Frampton, o que sinaliza a importância do assunto na disciplina arquitetônica.

O limiar entre espaço e lugar comunica-se com a necessária distinção mencionada anteriormente. A arquitetura não se reduz à mera configuração de espaços, ainda que a composição espacial seja parte inextricável do fazer arquitetônico, pois, se assim fosse, não se trataria de arquitetura, mas sim de construção. É fato que um bom projeto de arquitetura articula os espaços com intenção para atender

determinada finalidade, de forma que todo o conjunto arquitetônico comunique-se harmoniosamente.

Para Frampton (2013, p. 478): “A pré-condição física mínima para a definição do lugar é a colocação consciente de um objeto em si e por si na natureza [...] Ao mesmo tempo, a mera existência de um objeto não garante coisa alguma.” Deste apontamento, nos atentemos para duas questões, a primeira delas é a dimensão da consciência posta por Frampton e a segunda é que a existência de um objeto não garante ao local onde está posto a condição de lugar. A dimensão da consciência aponta que um lugar não é dado de forma arbitrária, ele surge de um desejo consciente do ser humano. O segundo ponto nos sugere que a existência do lugar vai para além da dimensão física, ao mesmo tempo que um objeto físico marca o lugar, ele não é suficiente, é preciso que algo se some a ele dotando-o de sentido. A mim parece que o que Frampton quer dizer é que um lugar precisa de vida, que ele é palco onde relações e fenômenos devem acontecer, essa é sua essência, não a cumprindo, ele não pode ser nomeado como lugar.

13

Entende-se que o lugar deve estar inextricavelmente ancorado ao sítio no qual está situado, nas condições naturais e culturais específicas, em uma conformação harmônica. É essa coerência de atributos que estabelecerá uma consonância com o indivíduo que, por sua vez, reconhecerá nesse lugar um pouco de si, da sua cultura e de suas origens. Para além disso, o caráter de um lugar constitui-se pelo modo como ele é configurado, nas palavras de Norberg-Schulz (2013, p. 452): “[...] o caráter do lugar depende de como as coisas são feitas, e é, por isso mesmo, determinado pela realização técnica (a ‘construção’).” Ou seja, a arquitetura enquanto um modo de habitar se constitui como fator que atribui caráter ao lugar.

Um lugar propicia que determinadas ações aconteçam, o que acaba conferindo uma ideia de “função” do lugar que, na verdade, é apenas uma consequência intencionada, viabilizada por um conjunto de elementos interconectados e orientados a possibilitar que certas ações aconteçam. Simplificar o lugar à finalidade de cumprir uma ‘função’ o reduz de tal forma que questões essenciais à particularidade de um lugar são desconsideradas, de modo que se faz uma generalização, em que apenas o mínimo (função) é cumprida. É preciso considerar novamente que o lugar só cumpre de fato uma ‘função’ de forma plena se suas características e seus aspectos forem coerentes entre si e com a cultura do sujeito. Nesse sentido, não dotar um lugar de peculiaridades que permitam uma conexão

com a identidade do sujeito, além de não cumprir sua função, se torna um lugar sem identidade.

Para Tuan (1983, p. 13): “O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor.”. Dessa forma, todo o espaço que comporta um fenômeno se torna lugar para àqueles que vivenciaram o acontecimento, pois, a partir desse momento, houve experiência e se atribuiu um significado ao espaço. Por outro lado, também é lugar as conformações espaciais arranjadas à um modo específico, ou seja, uma composição de elementos e escolhas que conformam um arranjo particular. É nessa correspondência que, podemos inferir que o lugar se funda no habitar, uma vez que é por meio dele que estabelecemos relações, fazemos escolhas, tomamos decisões e atribuímos valor e significado ao que nos cerca.

O indivíduo pode atribuir valor e significado a um lugar por diversos motivos. Pode ser em decorrência da relação estabelecida com outras pessoas – por exemplo: ser mal atendida em uma Unidade Básica de Saúde (UBS), ou o contrário; pode ser resultante de uma experiência individual no espaço – uma oração e uma conexão com o divino em um templo, por exemplo; ou ainda pelas possibilidades imaginadas que um espaço pode propiciar àquele indivíduo – por exemplo, quando uma pessoa vai olhar uma casa para comprar. Em todos os casos, o espaço se tornou lugar, mas, para além disso, o indivíduo pode, desde o primeiro momento, ter uma identificação com o lugar, em maior ou menor grau, e isso pode acontecer devido à identificação, mesmo que inconsciente, com a atmosfera do lugar e/ou a lembranças de lugares já vivenciados que despertaram alguma conexão com este.

No último exemplo, a casa ainda pode ter elementos arquitetônicos como esquadrias de madeira de peitoril baixo que lembre o indivíduo brincadeiras na janela da sua casa de infância e isso, por si só, já cria uma identificação da pessoa com aquele lugar simplesmente por deixar aquela lembrança mais vívida e próxima. A mente humana guarda memórias afetivas que são despertadas mais fortemente quando são associadas com os sentidos, seja por meio do toque, do cheiro, do paladar, da audição ou da visão. Quanto mais sentidos forem aguçados, mais ‘real’ as lembranças se tornam. A memória e os sentidos são questões recorrentes nas obras de Juhani Pallasmaa na experiência da arquitetura.

As primeiras identificações com o lugar podem ser frutos das lembranças da infância e do contexto cultural em que se esteve inserido, com o passar tempo, outras experiências vão se sobrepondo e o indivíduo passa a ter autonomia de escolha e de conformação dos lugares. A configuração estabelecida, mesmo que feita de forma intuitiva e/ou automática, é formada por aspectos e elementos que não são arbitrários, pois tudo o que compõe o ambiente, e até mesmo a falta de elementos nele, revela muito sobre o indivíduo que ali habita.

Para Papanek (1995, p. 113), essa personalização do espaço acontece desde que o ser humano vivia nas cavernas: “Sabemos que o Homem é um animal que cria a ordem e, por conseguinte, pode presumir-se que, mesmo quando vivia em cavernas, deixava marcas da sua personalidade nos espaços que ocupava.”. A personalização dos espaços pode ser entendida como a atribuição de características e de qualidades a um lugar ou ambiente, que, via de regra, estão intrinsecamente relacionadas à personalidade e à identidade da pessoa que a produz.

Segundo Tuan (2013, p. 19, grifo nosso), “Os homens não apenas discriminam padrões geométricos na natureza e criam espaços abstratos na mente, como também procuram materializar seus sentimentos, imagens e pensamentos”. Nesse sentido, consciente ou inconscientemente, os indivíduos personalizam seus espaços como uma extensão de suas próprias personalidades, o que, por sua vez, acaba propiciando uma identidade para o lugar. Mesmo que esse lugar, por si só, já esteja ancorado em outros aspectos que também constituem sua identidade, como as condicionantes locais do sítio onde está inserido e as decisões pessoais de quem o projetou.

A relação do indivíduo com o lugar pode variar de acordo com vários fatores e um deles é o período de permanência no local, quanto mais tempo uma pessoa fica em um lugar, maior o grau de intimidade que se estabelece entre ela e o lugar. Em locais de alta permanência, como a casa e o ambiente de trabalho, é natural que as pessoas acabem os adaptando ou os modificando, de modo que eles se tornem mais ‘agradáveis’ e com a personalidade de seus habitantes.

Quando não há tanta intimidade com o lugar, a personalização pode se iniciar a partir de alterações, de modificações e de acréscimos de elementos que visam melhorar questões ergonômicas entre a pessoa e o ambiente, mas as qualidades

atribuídas ao ambiente também expressam questões íntimas da dimensão humana. As pessoas podem atribuir características ao lugar que constituam uma materialização do seu estado de espírito, uma lembrança de sua essência e/ou de seu propósito, ou seja, pode colocar um pouco de si, da sua subjetividade individual humana, de forma concreta.

Tanto a relação do indivíduo com o lugar quanto a própria personalização do espaço são decorrentes do habitar humano. É no habitar, modo que somos e estamos sobre a Terra, que quaisquer coisas se tornam possíveis. Logo, o habitar parece ser o primeiro âmbito do ser humano no mundo e, desse modo, não pode ser visto como uma ação arbitrária, mas como uma ação provida da essência humana.

Pallasmaa (2017) ao refletir sobre a obra de arte, o artista e seus papéis no mundo, conclui que as essências são aquilo que verdadeiramente importam para ambos em detrimento das explicações racionais, logo a arte possibilita o conhecimento essencial das coisas. Nesse sentido, o autor condiciona esse acesso às essências por meio da experiência do ser e do seu modo de existir, em que ambos ocorrem mediante a experiência encarnada, o que viabiliza uma possível identificação com uma obra de arte. A ocorrência da identificação é um encontro com o nosso ser-no-mundo de maneira intensificada.

Nessa direção, a arte atua como a superfície limítrofe entre o eu e o mundo, portanto a arquitetura transcende seus aspectos funcionais e utilitários, sendo “[...] o contorno da consciência e a externalização da mente.” (Pallasmaa, 2017, p. 70). A arquitetura, enquanto ‘superfície limítrofe’, vai ao encontro de Heidegger (1954) que aponta que limite não é onde uma coisa termina, mas onde uma coisa dá início a sua essência. E, sendo coisas concretas, tanto arquitetura quanto arte, não são nada além de si mesmas, ainda que possam ter intenções e conteúdos simbólicos atribuídos em si, isso é secundário a sua verdadeira essência. Dessa forma, a arquitetura não é símbolo ou representação de alguma coisa, mas é a sua maneira, a coisa em si, e por ser a coisa em si, ela é capaz de fazer emergir sensações e emoções em quem a vivencia.

Sendo a arquitetura esse limite entre o eu e o mundo, Pallasmaa (2017, p. 61) traz o conceito de espaço existencial como sendo a fusão entre o “espaço interior da mente e o espaço exterior do mundo”. Por conseguinte, o espaço existencial

vivido estrutura-se nos valores e nos significados, de um indivíduo ou de um grupo, que são refletidos nesse espaço. Dessa forma, a tarefa da arquitetura é “[...] fazer a mediação entre o mundo e nós mesmos e proporcionar um horizonte de entendimento de nossa condição existencial.” (Pallasmaa, 2017, p. 75). Nesse pensamento, apesar de não haver referência ao habitar, pode-se inferir que a maneira como nós habitamos é um reflexo de nós, seres humanos, uma vez que é carregado por nossas escolhas e pelo nosso modo de agir perante o mundo.

É possível identificar em outras obras de Juhani Pallasmaa um aprofundamento em questões específicas que tangem a arquitetura e o urbanismo que se relacionam com a ideia do habitar. Em sua teoria, Pallasmaa (2017) traz a consciência dos sentidos como fator essencial para que o habitar aconteça de forma plena, com presença e em sua essência. Nessa condição, as dimensões: memória, identidade e intimidade, recorrentes em suas obras, são interpretadas como pontos determinantes no acontecimento do habitar. É na memória que fica registrado muito da construção do indivíduo enquanto ser e de seu repertório de vivências ao longo da vida, influenciando, dessa forma, a maneira como se habita. Todas as experiências vividas contribuem para a formação da identidade dos indivíduos, logo essa identidade é refletida no habitar, uma vez que o modo que as pessoas são/estão sobre a Terra acontece de acordo com as particularidades que lhe constituem enquanto ser. A dimensão da intimidade está no âmbito do habitar, na medida em que permite ao indivíduo uma familiaridade com o lugar, pois é somente no habitar que essa intimidade se cria e se consolida.

17

Reflexões e Discussões

Entender o habitar sob a perspectiva do filósofo Martin Heidegger mostrou que, apesar de seu pensamento ser conduzido pela sua formação profissional, suas reflexões evidenciam o caráter transdisciplinar da arquitetura. De acordo com seus pensamentos, o habitar é condicionado por quatro elementos, sendo eles: terra, céu, divinos e mortais (Heidegger, 1954). Logo, o modo como se é/está nessa terra deve honrar cada um dos elementos deixando que cada um permaneça sendo o que é. Trazendo esse pensamento para a arquitetura, infere-se que quaisquer ‘coisas construídas’ devem acontecer de forma a honrar as preexistências que tangem, céu, terra, divinos e mortais, ou seja, se inserir de forma harmônica no que já existe deixando-os permanecerem sendo o que é.

A arquitetura é vista aqui como uma manifestação do habitar que configura um modo e escolhas específicas de uma forma de se habitar o mundo revelando por si e em si indícios de um modo específico de habitar, na medida em que sua concepção está imbuída de um modo de ser e estar no mundo. A conexão entre os assuntos aqui expostos parte de uma visão holística da arquitetura, entendendo-a como um habitar que concretiza um modo específico de ser e de estar no espaço, de um indivíduo ou de um grupo. Além disso, o estudo visa lembrar o caráter transdisciplinar da arquitetura e sua veia filosófica, assim como sua essência.

Para que a terra continue sendo terra, a arquitetura não deve prejudicá-la, a Terra deve, mesmo após a existência da arquitetura, continuar sendo aquilo que é. As coisas edificadas devem permitir que a Terra continue a dar frutos ao florescer e que as águas continuem o seu fluxo em seu percurso. A arquitetura deve estar em harmonia com os ciclos do céu, acolhendo as particularidades de suas estações e de seu clima. Na consolidação da arquitetura, o divino deve se manifestar.

Sem a existência da vida humana, terra, céu e divinos coexistiriam em harmonia, contudo a simplicidade da quadratura não estaria completa. O ser humano, tal como uma árvore, integra o sistema de vida no Planeta Terra, onde cada um tem o seu papel para o equilíbrio geral do sistema, no entanto, o que tem se observado, é que o ser humano não tem agido de forma coerente de modo a manter essa relação harmônica, se é que isso um dia aconteceu. Quanto maior a integração do ser humano no ecossistema da Terra, enquanto parte que compõe e contribui de forma positiva para que as relações aconteçam de maneira harmônica, mais o sistema estará em equilíbrio.

O habitar aqui estudado mostrou estreita relação com o tema sustentabilidade visto que, o habitar parece ser um meio de se alcançá-la uma vez que, ao se deixar Terra, céu, divinos e mortais existirem em sua essência estar-se-á preservando o planeta para as gerações futuras. Se enquanto pessoas humanas nós vivermos respeitando o habitat, a quadratura evidenciada por Heidegger (1954), terra, céu, divinos e mortais, que nos cercam e nos acolhem já estaremos praticando uma forma sustentável de viver. Se enquanto arquitetas e urbanistas formos coerentes com o nosso papel e escolhas que respeitem o meio que vivemos, ou seja, habitar a um modo heideggeriano estaremos a ser sustentáveis uma vez que, estaremos deixando as coisas em sua essência para as futuras gerações.

Buscou-se evidenciar indícios do habitar heideggeriano na disciplina arquitetônica por meio do entendimento do que arquitetos acreditam a respeito da arquitetura e partes essenciais que lhe compõe. Para além disso, foi possível observar ainda que outras questões apontadas por Heidegger (1954) foram também compartilhadas por profissionais que se dedicavam à arquitetura e à sua teoria. Com esse panorama que expõe um pouco o intercruzamento do pensamento de Heidegger e a disciplina arquitetônica.

Considerações Finais

O tema habitar que foi pensado e refletido por Martin Heidegger em 1951 na ocasião da conferência se mostrou um assunto relevante e atual. Repensar o habitar e como ele ocorre se mostrou um campo emergente de estudo para o momento em que vivemos, visto que o conceito tange todos os âmbitos de nossa existência.

Pensar o habitar é pensar sobre nossas ações perante o mundo e suas consequências, nos vemos como parte integrante do todo e como podemos por meio das nossas escolhas e decisões habitar de modo harmônico com o meio deixando-o permanecer em sua essência. Essa harmonia poderia ser entendida como uma maneira de tentar viver de forma mais sustentável em cada escolha e ação.

Repensar o habitar e como ele ocorre se mostrou um campo emergente de estudo para o momento que vivemos, além de possibilitar interessantes reflexões sobre a contemporaneidade e a disciplina arquitetônica. Para além disso, entender o habitar na perspectiva do espaço habitado parece ser um bom caminho na direção de tecer um conhecimento mais completo dos aspectos que permeiam a arquitetura enquanto próprio habitar.

Enquanto profissionais arquitetas também habitamos uma vez que, contribuímos com propostas e soluções para construções que se edificam no mundo. Desse modo é preciso cuidar para que nossas escolhas e ações venham desse lugar consciente sobre nossas decisões e intenções perante o mundo.

Apesar de o habitar ter sido apresentado aqui de forma teórica a sua relevância iminente está no âmbito das ações e da realidade. Então, espera-se que para além da reflexão e do pensar esse artigo também incentive as pessoas à repensarem

como habitam o mundo e que por meio de escolhas e ações habitem seus corpos, suas casas, suas cidades e seu planeta de forma mais coerente com o que ele é.

Referências

ANDO, Tadao. Por novos horizontes na arquitetura. **In:** NESBIT, K. (org.). **Uma nova agenda para a arquitetura:** antologia teórica 1965-1995. Tradução Vera Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2013. Cap. 10, p. 493-498.

CRUTZEN, Paul J.; STOERMER, Eugene F. **The “Anthropocene”**. Global Change Newsletter, [s. l], n. 41, p. 17-18, maio 2000. Disponível em: <http://www.igbp.net/download/18.316f18321323470177580001401/1376383088452/NL41.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2021.

FRAMPTON, Kenneth. Uma leitura de Heidegger. **In:** NESBIT, K. (org.). **Uma nova agenda para a arquitetura:** antologia teórica 1965-1995. Tradução Vera Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2013. Cap. 9, p. 474-481.

GLOBAL FOOTPRINT NETWORK (org.). **Nosso Passado e Nosso Futuro**. Disponível em: <https://www.footprintnetwork.org/about-us/our-history/>. Acesso em: 18 jan. 2022.

HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar, pensar. **In:** HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências**. 8. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. (Coleção Pensamento humano). p. 125-141. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. Título original: Bauen Wohnen Denken (1951).

LOPARIC, Zeljko. **Heidegger**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

NORBERG-SCHULZ, Christian. O fenômeno do lugar. **In:** NESBITT, K. (org.). **Uma nova agenda para a arquitetura:** antologia teórica 1965-1995. Tradução Vera Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2013. Cap. 9, p. 443-461.

PALLASMAA, Juhani. A geometria do sentimento: um olhar sobre a fenomenologia da arquitetura. **In:** NESBIT, K. (org.). **Uma nova agenda para a arquitetura:** antologia teórica 1965-1995. Tradução Vera Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2013. Cap. 9, p. 481-489.

PALLASMAA, Juhani. Identidade, intimidade e domicílio: observações sobre a fenomenologia do lar. **In:** PALLASMAA, Juhani. **Habitar**. São Paulo: Gustavo Gili, 2017. p. 11-43.

PALLASMAA, Juhani. O espaço habitado: a experiência incorporada e o pensamento sensorial. **In:** PALLASMAA, Juhani. **Habitar**. São Paulo: Gustavo Gili, 2017. p. 57-86.

PALLASMAA, Juhani. O senso de cidade: a cidade percebida, recordada e imaginada. **In:** PALLASMAA, Juhani. **Habitar**. São Paulo: Gustavo Gili, 2017. p. 45-56.

PAPANEK, Victor. Sentir a habitação. **In:** PAPANEK, Victor. **Arquitetura e Design:** ecologia e ética. São Paulo: Edições 70, 1995. Cap. 4, p. 83-115.

SENNETT, Richard. **Construir e habitar: ética para uma cidade aberta**. Rio de Janeiro: Record, 2018. Tradução de: Clóvis Marques.

SHARR, Adam. **Heidegger for Architects**. New York: Routledge, 2007. (Thinkers for architects series).

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983. Tradução de Lívia de Oliveira.

NOTAS

Aprovação do texto

Texto selecionado pela Comissão científica do ENSUS 2023 para compor o Dossiê Temático ENSUS 2023 na Revista Jatobá.

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Programa de Pós-graduação Projeto e Cidade. Publicação no Portal de Periódicos UFG.

As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

RECEBIDO EM: 09/08/2023

APROVADO EM: 09/08/2023

PUBLICADO EM: 30/12/2023